

A COMUNICAÇÃO

LUIZ BELTRÃO

FUNÇÃO VITAL do ser humano, a comunicação o acompanha desde o estado fetal quando, “flutuando, mais ou menos, no líquido amniótico, recebe, continuamente, os impactos rítmicos do pulsar do coração materno incidindo na pele de todo o corpo e ampliados pelo fluido... Assim, mesmo antes de nascer, adapta-se a um meio ritmicamente pulsativo. Ao nascer, experimenta contrações e pressões que por vezes são intensas; e depois fica subitamente exposto às pressões atmosféricas e a uma temperatura alterada, que provoca a atividade respiratória e, presumivelmente, um certo número de reações táteis... A criança é aconchegada e acariciada ritmicamente; coloca os seus lábios em contato com o corpo da mãe, mais especificamente o mamilo e percorre, cada vez mais, o corpo materno com os dedos. Por esses meios, provoca na mãe a estimulação de que ele “necessita”: calor, conforto, leite etc... mantém ou recupera seu equilíbrio, quando perturbado pelo medo, dor, fome, frio, através da estimulação tátil rítmica, como as palmadinhas, o acalanto, as carícias.” A partir do tatilismo fundamental, introduz-se o homem no efetivo exercício dos demais sentidos, a começar pela audição da voz e da fala tranquilizante e cariciosa, da gustação e do olfato e, em seguida, prosseguindo em manipulações que “envolvem atividades motoras em grau crescente e hábeis coordenações neuromusculares, substituídas por pistas visuais.” (1)

Essa *comunicação biopsicológica* — idêntica em seu processo, em seus signos, linguagens, sintaxe, funções e efeitos à dos outros animais — evolui, à proporção que o ser humano adquire o equilíbrio na posição vertical, domina seus órgãos locomotores e desenvolve a percepção. O cérebro recolhe e processa os dados essenciais à transformação daqueles signos, linguagem e sintaxe: o homem — ente dotado de abstração, imaginação criadora e reflexão — passa a

substituir a comunicação puramente animal pelo intercâmbio não apenas de informações e sensações, mas de *idéias*.

Nasce, para ele, a *cultura*, orientadora de suas relações sociais, transformadora do ambiente natural, reguladora de suas atividades e conduta. De agora por diante, ele se comunica culturalmente, utilizando signos naturais ou por si próprio criados, aos quais dá significado arbitrário, num polissemismo que escapa, até onde chegam os nossos conhecimentos atuais, a qualquer outro espécimen animal.

Desde o momento em que simbolizou, estilizando gestos e movimentos do corpo traçando, com a mão libertada, os primeiros riscos significativos, adquirindo o domínio da voz articulada e inventando instrumentos, como extensões do próprio corpo, e objetos trabalhados com elementos inorganizados da natureza, ou construindo monumentos para perenizar a história e documentar a civilização — o homem teve, na *comunicação cultural*, o mecanismo inerente à sua existência e evolução, do qual somente o afastarão circunstâncias ou estados de degenerescência ou patológicos, sobre os quais se debruçam em estudo, pesquisa e terapia, gerontologistas e psiquiatras.

Não interessa o estado civilizatório da sociedade: a comunicação humana é essencialmente cultural, reflete o pensamento e os sentimentos do grupo, seus objetivos e as tentativas que empreende para alcançá-los e superá-los. Quando esses denodados defensores do seu território — os *waimiri-atroari* — deixam nas proximidades das barracas dos acampamentos dos empreiteiros que abrem a rodovia Manaus-Caracará as suas flechas cruzadas praticam um ato cultural, enviam uma mensagem, dão um ultimato em tudo e por tudo idêntico àquele que as nações mais avançadas do mundo utilizam em seus conflitos, trocando notas diplomáticas.

E, em sua essência, a atividade comunicacional do cantador do Nordeste, em uma peleja, é rigorosamente idêntica aos duelos oratórios do parlamento, desde o libelo de Cícero (*Quosque tandem, Catilina..*) até os desabafo injuriosos que vez por outra ocorrem nas assembléias democráticas. Quem duvidar, escute o eco da cantoria imortal, como a do orador romano perfeito, do cego Aderaldo, definindo Zé Pretinho, seu contendor, no desafio para o qual, não faz muito em São Paulo, me chamava a atenção esse outro cearense típico da inteligência, da cordialidade e da cultura da sua gente, que é o prof. Francisco Morel:

*"Negro, és monturo, / Molambo rasgado /
Cachimbo apagado / Recanto de muro
Negro sem futuro, / Perna de tição
Boca de porão / Beijo de gamela
Venta de moela / Moleque ladrão."*

Como, ainda, equivalente à atividade jornalística que desenvolvemos em nosso *sistema de comunicação social* está a ação informativa, interpretativa e orientadora das ocorrências atuais mais importantes para a sua comunidade, dos poetas-repórteres da literatura de cordel, que narram e comentam para seu público os resultados das eleições em Pernambuco ou a emenda divorcista do senador Nélson Carneiro:

*“Dia 15 de novembro
o eleitor acordou cedo
botou o título no bolso
sem ter truque nem segredo
penetrou numa cabine
votou sem ódio e sem medo.*

*Quem votou em Marcos Freire
agora está exultante
dizendo que no Senado
tem um senador vibrante
pra defender Pernambuco
de uma maneira optante.”*

(José Soares, poeta-repórter — “A vitória de Marcos Freire”, Recife, 1974).

*“No Brasil, Nélson Carneiro
Deputado Federal
Há muito que vem lutando
Para tornar-se legal
O Divórcio, que hoje em dia
Tornou-se a Filosofia
Da Ciência Conjugal.*

*Uns combatem o divórcio
Achando ser imoral
Pois o homem e a mulher
Deixam de ser conjugal
Com certeza não alcança
Uma família integral.*

*Ao contrário: — O Divorcista
Deseja a Legalidade,
Pois o Divórcio termina*

*Com tanta infelicidade
De uma mulher que é honesta
Mas para o mundo não presta
Perante a sociedade."*

(Rodolfo Coelho Cavalcante, da Bahia — "A verdade sobre o Divórcio" — Folheto Literatura de Cordel, n.º 1 372) (1975).

Ah! esse quase esquecido e desprezado manancial de comunicação que é o folheto de cordel, com suas mensagens educativas, filológicas, morais, políticas, científicas, publicitárias. E o filão inesgotável dos letreiros de paredes na via pública ou nos sanitários, das legendas e desenhos dos caminhões e de toda a arte utilitária e expressiva da opinião dos *ex-votos*, das esculturas de barro cozido de Caruaru, da Bahia, de Taubaté, de São José, pertinho de Florianópolis; e o trabalho ingênuo mas comunicativo das rendeiras cearenses ou das margens das lagoas de Maceió; e a riquíssima música popular brasileira: o calor e a violência do frevo, o vigor e a malemolência do samba, a tenacidade e o destemor do xaxado, a dolência e a queixa do baião — música e letras conjugados na transmissão de idéias, sentimentos e aspirações, advertência e protestos, em ritmos que, cientificamente analisados, revelarão toda a ambigüidade peculiar às manifestações da cultura das populações marginalizadas social, econômica, intelectual ou politicamente. Tarefa para a universidade, para os cursos de Comunicação, a nível quer de graduação quer de pós-graduação, será a de pesquisar, recolher e interpretar as mensagens desse outro sistema — a *folkcomunicação*, mediante as quais se entendem e atuam os grupos sociais que não têm acesso aos *mass-media* que nós outros utilizamos. Tarefa tão importante e urgente que vem preocupando a UNESCO, levando o organismo mundial de cultura a promover simpósios de especialistas, objetivando descobrir os mais eficientes processos de liquidar com os quistos de incomunicação que persistem nas sociedades contemporâneas, e que são sem dúvida a causa primeira de crises e conflitos.

COMUNICAÇÃO COMO CIÊNCIA

"O nascimento de uma ciência nova vem condicionado às necessidades que a vida mesmo impõe e, em especial, ao momento... A evolução e o progresso dessa ciência estará também determinado pelos resultados que se desprendam de pesquisa, em concordância com a prática. Assim, teoria e prática trabalham juntas no caminho da ciência nova. Na medida em que teoria e prática se vão adequando mediante seus resultados, a ciência alcançará um mais alto nível e

obterá um maior reconhecimento." É evidente que toda ciência nova deve ter objeto próprio que será ou "o não investigado até então" ou o antes observado mas "de outros pontos de vista que lhe permitem atuar de modo original... A busca e estudo de um objeto científico diferente para a nova ciência nos levam à criação e utilização de um método próprio. Dele extrairemos conhecimentos, resultados novos, particulares, que devemos ordenar segundo os princípios próprios da estrutura da nova ciência e sistematizá-los."

Se examinarmos os antecedentes dessa explosão de interesse pelo conhecimento mais profundo e específico do processo da comunicação humana, a ponto de tornar-se carreira acadêmica, detectaremos todas as condições citadas: a segunda guerra mundial despertou as consciências para a importância primordial, e não secundária ou intermediária, da comunicação. Pois não fora a ciência aplicada do Dr. Goebbels responsável, decisiva mesmo, pelo êxito fulminante da *blitzkrieg*? Quando as divisões de tanques chegavam ao território inimigo, o moral das tropas, mas, sobretudo das populações civis e dos grupos políticos, já se encontrava profundamente abalado pela propaganda radiofônica, gráfica e cinematográfica do nazismo. A guerra psicológica assumia o comando geral da operação militar: a comunicação informava, afetava intencionalmente, persuadia.

Encontrava-se o mundo diante de uma nova realidade: a comunicação. O seu objeto próprio emergia das ciências humanas e sociais, tal como ocorrera com a psicologia, a sociologia, a antropologia, a lingüística, que se haviam desprendido da filosofia. É preciso não esquecer que a *Arte Retórica*, de Aristóteles, havia apontado esse objeto, quando identificara os elementos básicos do processo: o comunicador, a mensagem, o receptor. Por outro lado, desde Gutenberg, os canais naturais paulatinamente vinham sendo substituídos pelos mecânicos, pelos elétricos e, afinal, em nosso século, pelos eletrônicos. A tecnologia fornecia instrumentos cada vez mais aperfeiçoados e se impunha a pesquisa universitária, a descoberta e aplicação de métodos científicos que averiguassem e extraíssem conclusões sobre as funções, condições, efeitos e perspectivas que esse *media* oferecem e terão na vida e desenvolvimento da sociedade.

Naturalmente, as primeiras tentativas de cientificação específica medraram na área do jornalismo que, desde o século passado, era estudado a nível universitário nos Estados Unidos e em diversos países europeus. É na Alemanha que, apoiado por seu mestre Max Weber, Otto Groth escreve e publica entre 1928 e 1930 os quatro tomos de sua primeira obra *Die Zeitung*, uma espécie de enciclopédia do jornalismo. Essa sistematização irá dar origem a um tratado de ciência jornalística, que denominou *Periodik*, cuja publicação inicia em 1960 e cujo sétimo volume deixou incompleto com sua morte, em 1965. Por essa época, já no mundo universitário alemão se admitia que a ciência jornalística, considerada do ponto de vista metodológico,

não era mais do que uma parte da *Publicist'ca Geral*, cujos fundamentos haviam sido lançados por Walter Hagemann, em 1947. A nova ciência, segundo ele, tem por objeto tanto o problema da Opinião Pública como o método e os meios pelos quais se pode influir naquela; abrange instrumentos, técnica e modalidades pelos quais um certo conteúdo pode ou deve ser difundido para se tornar eficaz. Laaswell, Hovland, Raimond Nixon e Lazarsfeld, entre outros, contribuem, nos Estados Unidos, com hipóteses, enunciados e pesquisas para a cientificação do fenômeno da *mass communication* e, embora franceses, italianos e espanhóis continuem fiéis à tradicional designação de Ciências da Informação — que viria a sofrer um choque com a Teoria Matemática da Informação de Shannon e Weaver, na verdade, no último decênio, as fronteiras da nova ciência se alargaram, determinando áreas de estudo que abrangem especialidades desde o jornalismo, as relações públicas e a propaganda até a editoração, a bibliologia e a informática, a pesquisa em Comunicação, a divulgação governamental e, mais recentemente, a semiótica, a cultura de massa, a comunicação diversional, a folkcomunicação

Também entre nós o nascimento e evolução da Ciência da Comunicação se desenvolve a partir do jornalismo. Na década de 50, escandalizavam-se os profissionais com o surgimento dos chamados *jornalistas liberais* saídos das escolas de jornalismo; na década de 60, já empresas e homens de imprensa, rádio e propaganda se engajavam na luta pela ampliação do número de escolas e pela diversificação de áreas de formação universitária. Em 1960, lançávamos pela Livraria Agir Editora, como resultado de um concurso nacional promovido pelo *Diário de Notícias* no ano anterior, o nosso *Iniciação à filosofia do jornalismo*, que fugia aos padrões histórico-memorialistas ou simplesmente técnicos das obras nacionais e traduzidas, poucas aliás, à disposição no comércio livreiro. Tentávamos definir o objeto, atributos, canais, agentes e exercício do jornalismo, como área específica, que exigia a formação de pessoal altamente qualificado, uma vez que a conduta individual e coletiva dependia da boa informação, da adequada interpretação dos fatos, idéias e situações atuais/atuantes na sociedade, da orientação que, periodicamente, através dos jornais, das emissões de rádio, das películas cinematográficas de atualidade e dos noticiosos que a TV começava a difundir, o público vasto, anônimo, disperso e inorganizado — que é a massa — deveria e tinha direito a receber, sob a égide da liberdade responsável do jornalista.

Presos às faculdades de filosofia e letras, os cursos de jornalismo tendiam a uma literaturalização, de que a imprensa, ela própria, procurava libertar-se mediante a valorização da notícia, a economia do texto, a feição gráfica, a introdução de recursos ilustrativos — a imagem enriquecendo a matéria. Para tanto, às redações estavam sendo convocados especialistas e até mesmo o estilo verboso se torna

enxuto, mais até do que enxuto, padronizado em sua secura, como, antes, fora padronizado na gordura do “nariz de cera” e dos editoriais pomposos e evasivos, de que ainda se valem uns poucos diários remanescentes das primeiras décadas do século.

Já em 1963, com a criação do Instituto de Ciências da Informação, promovíamos, no Recife, o I Curso Nacional de Ciências da Informação e nos encarregávamos de ministrar aos participantes, entre os quais havia estudantes de outros Estados, a disciplina — “Princípios de Comunicação Coletiva”. Também ali, no ano seguinte, quase simultaneamente com o *Jornal do Brasil*, lançávamos a revista *Comunicações & Problemas* que, juntamente com os *Cadernos de Jornalismo* daquele diário carioca, constituiriam fontes de consultas para os que sentiam que a ciência era a Comunicação, na qual se definiam áreas diversas. É que, também nos meios radiofônicos, cinematográficos, de propaganda e relações públicas, e entre os editores brasileiros, a influência explosiva do mais recente *medium* — a Televisão — exigia uma revisão na linguagem, na morfologia, na engenharia, no conteúdo, na função social mesma que cada área desempenhava. Daí os fenômenos da regionalização do rádio, o movimento do cinema novo, a introdução do livro-de-bolso, o surgimento real da indústria cultural, das grandes organizações técnico-burocráticas que são as empresas de comunicação, seja qual o campo ou a atividade a que se dediquem.

OS FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS

Foi a complexidade e interligação das mais diversas ciências necessárias ao exercício profissional do comunicador que conduziu o Conselho Federal de Educação, na reforma universitária, a introduzir um ciclo básico, comum aos estudantes de todas as áreas específicas da Comunicação. E ali, entre os princípios gerais e aplicados de Sociologia, Política, Economia, Lingüística, Ética e Direito, figura uma disciplina *Fundamentos Científicos da Comunicação*, que substituiu a Teoria da Informação, incluída no currículo mínimo anterior. Não é hora de discutirmos qual a melhor designação para FCC: propomo-nos, isto sim, a refletir sobre o seu conteúdo.

O professor e jornalista Alberto Dines observa que “os anos 70 representam ou tendem para uma inversão na metodologia do saber. Estamos, ao que parece, em plena era da multidisciplinaridade, em que o conhecimento se liberta dos limites da especialização e cacoetes dela decorrentes. Agora, filosofia e ciência se juntam, arte e ciência se entrosam, ciências antagônicas (física-química) se aglutinam e se completam. É de se supor, por conseguinte, uma revanche do humanismo. Para o jornalista e para o comunicador, profissionalmente, isso vai representar um novo momento de grandeza. Pois a estruturação “empresarial” dos anos 60 deixou-o isolado nas mãos de economistas, administradores, engenheiros. A abertura que se pre-

coniza, a justaposição de vários conhecimentos, permitirá outra vez ao jornalista e comunicador assumir a preponderância perdida dentro dos próprios veículos na fase da exagerada especialização. Deverá ser agora que a universalidade intrínseca ao jornalista poderá mostrar a sua validade e sua força num momento de transição como este... Esta abertura externa da nossa ciência coincide com uma abertura interna ética, moral e emocional." (3)

Esta abertura, na área pedagógica dos *Fundamentos Científicos da Comunicação*, está no confronto de seu objeto e de sua problemática, do seu processo e das suas técnicas, das suas funções e dos seus efeitos, de sua atualidade e do seu futuro com os mesmos elementos e fatores das demais ciências. Desde a física, a química, a biologia, as matemáticas, a cibernética e a filosofia, em todos os seus ramos, até, e principalmente, as ciências humanas e sociais, a etnologia, a antropologia, a sociologia, a psicologia, a geografia, o Direito, as Artes. Como ocorre nos estudos jurídicos, FCC constitui uma *introdução à ciência da comunicação*, a partir dos fenômenos biológicos da informação e da expressão, observados e comprovados em todos os seres vegetais e animais; prosseguindo nas manifestações mais rudimentares do psiquismo que, juntamente com outras condições físicas e locomotoras, propiciam o intercâmbio de informações e sentimentos no reino animal; e, finalmente, o mergulho nas origens do homem, que culturalizou o processo biopsicológico desse comércio, ao longo do seu caminhar da caverna ao arranha-céu, dos mares e da terra às estrelas e ao cosmos, nos deuses que criou ao Deus incriado.

Não se poderia jamais compreender o fenômeno humano, esse evoluir da lama primitiva ao cérebro eletrônico, sem um conhecimento global das idéias, realizações e conquistas do ser inteligente e social que se ergueu e andou, como Lázaro, saindo da cova comum da espécie animal para se tornar *faber*, utilizando os elementos inorganizados que a natureza lhe oferecia; e *loquens*, inventando seu principal e exclusivo instrumento comunicacional; e *sapiens*, alcançando a extensão dos próprios sentidos, do próprio aparelho fonador e da própria imagem, quase, diríamos, a onipresença divina. Sem uma atualização permanente, pela observação e pela pesquisa, e uma visão panorâmica do estágio da ciência e suas perspectivas, jamais o comunicador poderá desempenhar eficazmente a sua tarefa, que é a de proporcionar ao *homo cultus* de agora os reatores que dinamizam e renovam o patrimônio filosófico, científico e artístico de que dispomos, preparando-o para superar a crise do presente e chegar a um futuro que seria a sonhada *idade do ouro*. Pois os meios de comunicação, que deram ao nosso mundo a fisionomia de uma *aldeia global*, poderão ainda imprimir-lhe, no porvir, a fisionomia e a vivência de outra Atenas de Péricles sem o problema moral dos escravos — os robôs substituindo os ilotas.

PARA UMA NOVA PEDAGOGIA

Entendida a disciplina FCC como básica entre as básicas, e dada a complexidade e extensão de conhecimentos que exige do professor titular, julgamos que não deve ser ministrada expositivamente, mas desenvolvida através de seminários, mesas-redondas e pesquisas de que participariam, como orientadores e/ou moderadores, titulares e adjuntos das disciplinas afins, evidentemente mais atualizados e sensíveis à interligação de temas que se estabelece a cada unidade do programa e que, assim, poderão ser apreciados sob diferentes ângulos. Sob tal pedagogia, o estudante e, simultaneamente, o estudioso, serão levados àquela universalização de conhecimentos e princípios que se objetiva na formação superior dos agentes da comunicação.

Até o momento, não obstante a organização departamental adotada na universidade brasileira, continuamos presos a a um sistema tradicionalista, de cátedra, cada disciplina constituindo uma área estanque, onde doutrina o *magister* com toda a sua autoridade de especialista. Vejamos o que ocorre na reunião do Departamento de Comunicação destinada a traçar o programa do período letivo. Em regra, por uma espécie de lei do menor esforço, bem como pela autonomia de que goza cada titular, os programas são sucintamente examinados, verificando-se, apenas, as coincidências de temas e estabelecendo-se um "acordo de cavalheiros", mediante o qual o professor de FCC só de leve, superficial e genericamente, poderá penetrar na área específica do outro. Acertado esse ponto, pensa-se haver sido evitado o confronto ideológico; e cada professor está livre para expor os temas, do ponto de vista próprio ou da corrente científica a que se filia.

Ora, não há disciplina mais conflitiva do que a nossa: a cada tere é inevitável a antítese; a cada passo, buscando a síntese, somos levados a penetrar no território proibido do nosso colega, titular de Filosofia, Biologia, Antropologia, Psicologia, Matemática ou Sociologia. E, freqüentemente, coincidem os ângulos de apreciação crítica, o que ocasiona exatamente aquilo que se tentou evitar na reunião departamental — o confronto ideológico.

Permitam-nos citar dois exemplos de nossa experiência didática. Utilizamos o termo *consciência* para exprimir o psiquismo animal, de acordo com o filósofo argentino H. Fernandez Mariño. Toda vez que o fazemos, em classe, temos de explicar que não se trata da consciência moral, da capacidade humana de distinguir o bem e o mal, porém do termo que designa a capacidade animal de *in-tendere*, uma das pré-condições da comunicação biopsicológica. Enquanto a consciência é comum ao homem e ao animal, servindo ao intercâmbio de informações e sentimentos, somente o primeiro, por ter de intercambiar idéias, é dotado de *inteligência*, ou seja, da capacidade

de *intus-legere* — ler dentro de si mesmo, refletir, abstrair, simbolizar. Essa terminologia, contudo, é contestada por Leoncio Basbaum (4), para o qual “só o homem, entre todos os animais, possui consciência”, pois esta “é um produto da inteligência... quando atinge a um determinado nível no seu processo evolutivo filogenético, relacionado com o desenvolvimento anatômico, estrutural, do cérebro”. Facilmente constatamos a falta que fazem, em nossa classe, o concurso, na exposição e no debate do tema, dos nossos colegas de Filosofia e de Psicologia.

A outra experiência nos ocorreu na UnB, em 1966, quando realizamos, com os alunos, um estudo da comunicação animal e o submetemos a dois titulares: um deles, eminente mestre de Ciências Biológicas, foi pródigo em elogios e até forneceu elementos novos ao trabalho da equipe; o outro, renomeado psicólogo, behaviorista, praticamente invalidou tudo quanto havíamos pesquisado e reunido: em gíria jornalística — atirou a matéria à cesta. Em nossos estudos posteriores, encontramos que ambos tinham sido radicais, enclausurados na sua ciência e pouco receptivos ao convite que lhes fazíamos a uma adequação de seus conhecimentos e suas teorias particulares e idôneas ao objeto que vislumbrávamos naquela primeira e débil configuração do processo da comunicação animal.

Quem chegou a ler o nosso manual de FCC, ali haverá de ter observado o reflexo dessa dificuldade de interligação disciplinária para quem não é enciclopédico: a cada pista que se nos apresentou em território alheio tivemos de valer-nos da orientação do especialista. Que poderíamos fazer, porém, quando a visão particular deste contrariava o que concluíamos da observação do objeto sob outro ângulo, o ângulo da comunicação como processo específico? Esta, a razão dos interrogantes que fazemos aos mestres sobre conceitos e proposições: a sua crítica sempre bem aceita desde que nela haja de sua parte um comportamento empático, condicionante da eficácia da comunicação.

A prática de seminários e pesquisas tem proporcionado resultados alentadores em nosso curso, que é ministrado em dois semestres, de cinco créditos cada. No primeiro semestre, em que tratamos da informação, da comunicação biopsicológica e da comunicação cultural interpessoal especialmente, os seminários realizados já nos irão permitir a edição de um estudo sobre os sentidos e a comunicação. No segundo semestre, concentramos nosso trabalho na apreciação do processo industrializado da comunicação de massa e, através de pesquisa, realizamos um levantamento da infra-estrutura da comunicação em Brasília, relacionando e coletando todos os dados sobre as fontes *estáticas* (a produção e consumo de energia elétrica, rede de transportes, casas de espetáculos, bibliotecas etc.) e *dinâmicas* (edição de jornais, emissões de rádio e TV, produção própria cinematográfica, comunicados de centros de informações gover-

namentais e empersariais etc.) — fontes nas quais se abeberaram os agentes culturais da comunicação em sua atividade profissional. Uma outra pesquisa — a sobrevivência da folkcomunicação na sociedade de massa — está em andamento.

Desse trabalho que, infelizmente, ainda não é fruto de uma conduta pedagógica interdisciplinar, já surgiram diversas alterações em nosso manual, que esperamos introduzir na 3.^a edição. Por outro lado, cremos que, no próximo ano, nos será possível o lançamento do segundo volume da obra, destinado a orientar os estudos do processo, funções, efeitos e atividades da Comunicação de Massa.

Sentimo-nos felizes em haver trazido, em primeira mão, a esta Universidade e aos colegas profissionais da comunicação de Fortaleza, as reflexões que vamos concluir. Felizes não apenas pelos laços afetivos, sentimentais, que nos ligam ao Ceará e aos cearenses, como nordestino e participante da criação do curso de jornalismo, ora inserido no Departamento de Comunicação. Felizes sobretudo, porque acreditamos que a *escola do Ceará*, que nos ofereceu um trabalho de equipe sobre os Fundamentos Científicos da Comunicação, está credenciado a realizar, nesta área de formação, a renovação pioneira da interligação disciplinária, que está sendo exigida para que nós, professores, melhor nos desempenhemos da missão que nos cabe. Muito obrigado.

(Trabalho apresentado ao I Seminário de Estudos de Comunicação Social — Fortaleza, maio de 1975).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — FRANK, Lawrence E. — Comunicação tátil. In: *Revolução na comunicação*. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- 2 — FAUS, BELAU, Angel — *La Ciencia periodística de Otto Groth*. Pamplona, Universidade de Navarra, 1966.
- 3 — DINES, Alberto. *O Papel do jornal*. Rio de Janeiro, Artinova, 1974.
- 4 — BASBAUM, Leôncio. *História e consciência social*. Rio de Janeiro, Fulgor, 1967.